



EDITORIAL

Mantendo o nosso compromisso de trimestralidade, a equipe da Revista Educação, Artes e Inclusão tem a honra de lançar **o terceiro número da 15ª Edição de 2019**. Agradecemos a toda a equipe editorial, nosso conselho científico e editorial e às autoras e autores que escolheram a revista para veiculação de suas produções, tornando possível a conclusão de cada um dos números deste periódico desde 2008.

Para esta edição foram selecionados **cinco artigos científicos e um relato de experiência**. Uma edição enxuta que representa as dificuldades da gestão de periódicos no Brasil - espaço muito pontuado nos currículos, mas pouco estimulado no sentido da criação e gestão editorial. Consideramos ainda que, em alguma medida, essa edição reduzida pode ser o simbólico de um período da política nacional em que as universidades públicas estão no centro dos ataques e cortes do governo federal e vemos exacerbarem-se as dificuldades em defender as nossas estruturas sejam elas físicas, pedagógicas, de recursos humanos etc.

Assim como preconiza o foco e escopo desse periódico, os artigos publicados perpassam os campos da educação, arte e inclusão. Continuamente reiteramos a compreensão do termo “inclusão” para além do espectro da Educação Especial/Inclusiva, ampliando-se para questões étnico-raciais, de gênero e diversidade, entre outras, conforme bem exemplificado pela multiplicidade temática dos textos desta edição. Para este número, especialmente, optamos por entremear os artigos de diferentes temáticas, para ressaltar essa diversidade; essa costura de diferentes materiais, uma colcha de retalhos, que compõem a tessitura da Revista Educação, Artes e Inclusão.

O primeiro tecido que compõe essa tessitura versa sobre questões que perpassam educação, artes e inclusão na perspectiva da Educação Inclusiva, o primeiro artigo desta edição intitula-se **“Sinestesia, Arte e Deficiência visual: aplicação de um método didático-pedagógico para apreciação de pinturas**



por alunos não visuais na educação básica”, dos autores Luís Müller Posca, João Henrique Lodi Agreli, e propõe demonstrar como o ensino das Artes Visuais pode ser adaptado ao aluno deficiente visual da Educação Básica. Os autores defendem que, por intermédio do uso de pranchas táteis, trabalhadas numa perspectiva sinestésica, é possível que o aluno não visual possa apreciar pinturas nas aulas de arte. O trabalho está centrado num relato de experiência sobre a criação e a aplicação de um método didático-pedagógico de ensino-aprendizagem de Artes Visuais unindo as pranchas táteis à uma atmosfera sinestésica para alunos não visuais da Educação Básica.

Alinhando perspectivas inclusivas, o segundo artigo deste volume é daqueles que referimos como uma ampliação da perspectiva da inclusão que preconizamos em nosso periódico, abordando sobre as **“Aproximações entre ciência e histórias africanas na contação de histórias”**, das autoras Valéria da Silva Lima, Neide Andrade Almeida, Maylta Brandão dos Anjos. O artigo traz relata uma experiência que aproxima as histórias africanas, afro-brasileiras e ciência com práticas de Contação de Histórias, nunca perspectiva interdisciplinar. Questões de africanidade foram o foco das ações destacadas pelas autoras, reiterando a luta por uma educação laica, democrática, inclusiva e de qualidade. O trabalho apoia-se nas leis 10.639/03 e 11.645/08 e nas abordagens dos autores Celso Sisto, Fanny Abramovick, Ilan Bremanm e Attico Chasot. As autoras trazem como perspectiva norteadora a reflexão sobre uma metodologia participativa contando com a efetivação de uma prática contextual de sala de aula que integre saberes, rompa preconceitos e desmistifique os fenômenos naturais e o sentido da ciência.

O terceiro retalho que incluímos em nossa colcha, retoma o âmbito das artes visuais mas com foco nas perspectivas midiáticas e intitula-se **“Artesanatos” midiáticos: estudo de artes visuais difusas em TV e redes midiáticas**, com autoria de Aparecida Santos Scarpioni e Marcos Scarpioni. A autora e autor demonstram que entre as múltiplas formas e frentes das artes visuais está o artesanato, vigorando em meio às artes manuais e das artes populares e analisam a abordagem implícita das artes visuais e suas



metodologias de ensino utilizadas na confecção de objetos decorativos e/ou utensílios domiciliares que são apresentados em programas televisivos e redes midiáticas. A questão central do presente artigo é: Existiria ênfase de fato nas artes visuais nos ditos “artesanatos midiáticos”? Tendo como intenção compreender em que medida a arte visual pode estar implícita na confecção de objetos e serviços, contribuindo na melhoria da qualidade de vida daqueles que desenvolvem tais práticas “artesanais”.

O quarto material da nossa tessitura está centrado na educação inclusiva no ensino da matemática, reforçando a perspectiva interdisciplinar que nosso periódico congrega ao abrir-se à temática da educação e inclusão. O artigo tem como título **“Revisão sistemática sobre educação inclusiva de surdos no ensino da matemática”**, das autoras Cíntia Moralles Camillo e Liziany Muller Medeiros. O trabalho tem como enfoque analisar os sinais em Libras como possibilidade no ensino da matemática, relacionando as dificuldades dos educandos surdos com a linguagem matemática e com o raciocínio lógico. As autoras realizaram uma revisão de literatura, no período de 2010 a 2017, entre artigos, teses e dissertações com base nos descritores “libras e matemática”, “educação especial e matemática”, “inclusão e matemática”, “surdos e matemática”. O artigo demonstra que em todos os estudos foram relatados que os estudantes surdos conheciam a língua de sinais, mais não conheciam nenhum símbolo matemático, expressão, figura geométrica e a construção de números, conseqüentemente apresentaram dificuldades e déficit no raciocínio lógico.

Por fim, complementando a costura dos nossos artigos, temos o texto **“Homens que dançam: sexualidades e envelhecimento na cena e na docência contemporânea”**, do autor Gustavo de Oliveira Duarte, que é uma linda junção de diferentes tecidos por si só, tendo em vista que toca em diversos temas que pouco vemos combinados: dança, masculinidade, sexualidade e envelhecimento. O trabalho trata de uma pesquisa realizada em Salvador/BA, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Dança, que investigou homens que dançam e suas interfaces com a vivência da sexualidade e com o processo



do envelhecer. A pesquisa de campo se deu em três contextos: cena, docência e artistas independentes. Os primeiros eixos contemplaram bailarinos do Balé do Teatro Castro Alves (BTCA) e da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB). Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os artistas e algumas aulas e ensaios foram observadas e registradas em um diário de campo. O autor destaca que alguns dos achados mais significativos foram temas como: o preconceito da família, o privilégio e a autonomia de ser homem, a ressignificação do corpo e da dramaturgia da dança, além de projetos para o futuro.

Por fim, alinhavando e concluindo nossa costura deste volume, temos o caso excepcional do relato de experiência intitulado **“Biodiversidade e horta comunitária: relato de experiência envolvendo alunos com necessidades especiais”**. A primeira vista, este poderia ser um texto comum, como qualquer outro que foi apresentado acima, não fosse pelo número de autoras/es, a saber: Rafaella Rodrigues Santos, Ana Clara Monte Teixeira, Andreza Cristina Stuchi, Alexandre Junio Borges Araújo, Daniela Araújo Vilela, Débora Queiroz Messias, Felipe Ferreira Naves, Julia Hass, Lara Nascimento Zanato, Lara Parreira de Souza, Letícia Clemente Olmos Hernandez, Lorraine Mendes Barrada, Mayara Yukiko Yamada, Rafael Galisa de Oliveira, Tamires do Carmo Dias do Carmo Dias, Yasmin de Araújo Ribeiro, Neusa Elisa Carignato Sposito, Carla Patrícia Bejo Wolkers, todas/os da Universidade Federal de Uberlândia. Sabemos que esta quantidade de autoras/es não está dentro do esperado - tampouco dentro do recomendado - pelas boas práticas editoriais dos periódicos acadêmicos, no entanto, o coletivo de autoras/es defendeu a perspectiva de manutenção de cada um/a, argumentando que o trabalho trata de um projeto desenvolvido no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET), o qual visa o desenvolvimento de atividades de pesquisa, ensino e extensão por meio do trabalho coletivo e integrador. Neste contexto, todos os projetos são planejados e executados pelo grupo, de maneira conjunta e articulada, e selecionar apenas três autores para compor a autoria deste relato de caso seria injusto com os demais membros do grupo que trabalharam incansavelmente para que o



projeto fosse desenvolvido de maneira satisfatória. Nós, como periódico científico mas, sobremaneira, pedagógico, compreendemos e abrimos esta excepcionalidade, o que torna este relato de experiência a síntese da metáfora da colcha de retalhos que escolhemos para exemplificar este número: uma conjugação grandiosa de diferentes tecidos humanos que se reuniram de forma articulada e integrada para produzir um trabalho único, centrado na práxis e no coletivismo.

Como apontado, o referido trabalho trata de um relato de experiência sobre um projeto desenvolvido pelos integrantes do Programa de Educação Tutorial do curso de Ciências Biológicas (PET BIO PONTAL), juntamente com estudantes voluntários do mesmo curso da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal. O projeto envolveu os estudantes do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual de educação especial do município de Ituiutaba-MG e teve como objetivo abordar conteúdos sobre a biodiversidade de organismos vivos no ambiente de hortaliças, de maneira lúdica e inclusiva. Para isso, foram realizadas uma “dinâmica sensorial” para que os estudantes tivessem contato com as hortaliças, a implantação da horta na escola e a visita dos estudantes à universidade para análise das hortaliças e do solo, bem como dos organismos associados à elas. O coletivo de autoras/es revela que a realização deste projeto permitiu aos graduandos participantes uma experiência didática vivenciada fora da sala de aula convencional, junto a estudantes que apresentavam necessidades educacionais especiais (deficiências cognitivas), sendo enriquecedor para sua formação acadêmica e profissional e ressaltam que as dificuldades apresentadas durante a execução do projeto permitiram aos graduandos a reflexão acerca da educação inclusiva e o desenvolvimento de metodologias de trabalho que permitem aperfeiçoar o ensino para este público.

Finalizada mais uma edição, desejamos que estes trabalhos possam ser contribuições relevantes para as leitoras e leitores deste periódico, bem como para outros pesquisadores e pesquisadoras que desejem utilizá-los em suas pesquisas. Assim, aspiramos que este periódico possa seguir cumprindo seu



papel de divulgação e promoção dos campos da Educação, Artes e Inclusão e reforçando nosso compromisso com o acesso aberto ao conhecimento e com a Educação pública e de qualidade.

Equipe Editorial

Revista Educação, Artes e Inclusão